

A EPOCHA

REVISTA DA QUINZENA

Fantrias, Romances, Lettras, Theatros, Bellas-artes.

Escriptorio da Redacção — Rua da Quitanda N. 47.

ASSIGNATURA

Corte, 12\$000 o anno; 7\$000 o semestre, 4\$000 o trimestre, e 800 réis o numero avulso.

Para fóra da corte, mais 500 réis por trimestre.

AVISOS

As pessoas a quem remettemos este numero, se nos quizerem honrar com suas assignaturas, são convidadas a fazel-o saber á Redacção.

P. 71
1851.**ANNUNCIOS**

Livraria Garnier, rua do Ouvidor 65

FORMATO IN-FOLIO :

Oeuvres de Rabelais.

Texte revu et collectionné sur les éditions originales, accompagné d'une vie de l'auteur, de notes et d'un glossaire 60 GRANDES COMPOSITIONS; ET NOMBREUX DESSINS par GUSTAVE DORÉ. 2 Beaux volumes riche reliure.

Les Peintres de la Beauté.

Album composé de 40 planches gravées sur acier d'après les tableaux de TITIEN — P. VÉRONÈSE — TINTORET — CORRÈGE — GUIDE — RUBENS, et des maîtres les plus célèbres. 1 Volume grand in-folio relié richement.

Cervantes Saavedra.

L'ingénieux don Quichotte de la Manche, traduction française de L. VIARNO, édition de grand luxe, 2 volumes contenant 370 dessins par GUSTAVE DORÉ.

Dante Alighieri.

L'Enfer, 1 magnifique volume, contenant le texte italien, la traduction française de P. A. FIORENTINO et 70 grandes compositions de GUSTAVE DORÉ.

Le Purgatoire et le Paradis, 1 magnifique volume illustré de 60 grandes compositions de G. DORÉ.

La Sainte Bible.

d'après la vulgate ; traduction nouvelle par M. M. BOURASSE ET JANVIER, chanoines de l'église métropolitaine de Tours, 2 beaux volumes illustrés de 230 grandes compositions par GUSTAVE DORÉ, ornementation du texte par H. GIACOMELLI.

Fables de Lafontaine.

1 Beau volume illustré de 80 grandes compositions et 250 dessins par GUSTAVE DORÉ.

Humbert (Aimé).

Le Japon illustré, 2 magnifiques volumes contenant 500 gravures d'après Humbert par BOYARD NEVILLE etc.

Rousselet.

L'Inde des Rajahs. Voyage dans l'Inde Centrale et dans les présidences de Bombay et du Bengale, 1 beau volume, contenant 317 gravures et 5 cartes.

L'Evangile.

Etudes iconographiques et archéologiques par CH. ROHALUT DE FLEURY 2 splendides volumes imprimés avec luxe, ornés de 100 gravures sur acier et nombreuses vignettes dans le texte.

Marény (Paul).

Voyage à travers l'Amérique du Sud de l'océan Pacifique à l'océan Atlantique, 2 beaux volumes illustrés de 400 gravures et de 20 cartes d'après les dessins de l'auteur.

Wey.

Rome, description et souvenirs, 1 beau volume illustré de 358 gravures et d'un plan de Rome.

Davilliers (Baron Ch.)

L'Espagne, 1 magnifique volume illustré de 309 dessins par GUSTAVE DORÉ.

Les Sanctuaires de Rome

par Mgr. LUQUET, évêque d'Hesebou, 1 magnifique volume, grand in-folio, accompagné de 29 grandes compositions et d'un portrait de Sa Sainteté Pie IX.

LIVRARIA GARNIER, Rua do Ouvidor 65.

Summario:

PROGRAMMA

A CHINELLA TURCA	<i>Manassés.</i>
CHRONICA DA QUINZENA	<i>Fanfulla.</i>
ENTRE DOUS CASAMENTOS	<i>Pierrot.</i>
LETTRES, SCIENCIAS E ARTES	
CORREIO DO RIO	<i>D. Raymundo.</i>
CENTENARIO DE MIGUEL ANGELO	
CARTA AO SR. MINISTRO DO IMPERIO	<i>Ninguem.</i>
CHRONICA FLUMINENSE	<i>Giroflé—Giroflá.</i>
BIBLIOTHECA DA EPOCHA :	
O FIM DA CREAÇÃO OU A NATUREZA INTERPRETADA PELO SENSO COMMUN,	
<i>A. Cadmus.</i> —TRES POEMAS, traducão de P. A. Gomes Junior, <i>Th. Hook</i> — <i>JOCELYN</i> , traducão do Sr. J. C. de Menezes e Souza, <i>Eurico</i> .—Os LAZARISTAS, drama do Sr. Ennes, <i>Dupin</i> .	
THEATROS, CONCERTOS	<i>Swift.</i>

A EPOCHA.

Rio, 14 de Novembro de 1875.

O nosso programma é não tel-o.

Se as nossas esperanças forem realizadas, sendo bem acolhida a presente tentativa, a *Epocha* poderá talvez um dia preencher uma lacuna sensivel de nossa imprensa, a de uma publicação destinada á apresentar, sob uma forma ligeira, uma opinião reflectida sobre as diversas questões artisticas, litterarias e politicas, que mais interessam ao nosso tempo, e a servir de orgão áquelle parte de nossa população, que se chama em um sentido restricto—a sociedade brasileira.

As pessoas que, comprehendendo o nosso ponto de vista, quizerem auxiliar-nos, terão francas as nossas columnas.

Os diversos colaboradores desta folha têm, nas secções que redigem, a mais completa liberdade de pensamento, e cada um responde exclusivamente pelos artigos, que assigna com o seu pseudonymo.

A CHINELLA TURCA

Acabava o bacharel Duarte de compor o mais teso, correcto e imperturbavel laço de gravata, que apareceu naquelle anno de 1850, quando o criado lhe anunciou a visita do major Lopo Alves. O bacharel estremeceu, e tinha duas razões para isso. A primeira era ser o major, em qualquer occasião, um dos mais enfadonhos sujeitos do tempo. A segunda é que o bacharel preparava-se justamente para ir ver, em uma *soirée*, os mais finos cabellos louros e os mais pensativos olhos azues, que este nosso clima, tão avaro delles, produzira. Datava de uma semana aquelle namoro. Seu coração, deixando-se prender entre duas valsas, confiou aos olhos, que eram castanhos, uma declaração em regra, que elles punctualmente transmittiram á moça dez minutos antes da ceia, recebendo favoravel resposta logo depois do chocolate. Tres dias depois, estava a caminho a primeira carta, e pelo geito que levavam as cousas não era de admirar que antes do fim do anno estivessem ambos no caminho da egreja.

Nestas circunstancias, a chegada de Lopo Alves era uma verdadeira calamidade. Antigo amigo da familia, companheiro de seu finado pae nas campanhas do Rio da Prata, tinha jus o major á todos os seus respeitos. Impossivel despedil-o ou tratá-lo com frieza. Havia felizmente uma circunstancia attenuante; o major era aparentado com Cecilia, a moça dos olhos azues; em caso de necessidade, era um voto seguro.

Duarte enfiou um chambre e dirigiu-se para a sala, onde Lopo Alves, com um rolo debaixo do braço e, os olhos fitos no ar, parecia totalmente alheio á chegada do bacharel.

— Que bom vento o trouxe á Catumbi á semelhante hora? perguntou Duarte, dando á voz uma expressão

de prazer, aconselhada não menos pelo interesse que pelo bom tom.

— Não sei se o vento que me trouxe é bom ou mau, respondeu o major sorrindo por baixo do espesso bigode grisalho; sei que foi um vento rijo. Vai sahir?

— Vou ao Rio Comprido.

— Já sei; vae a *soirée* da viúva Menezes. Minha mulher e as pequenas já lá devem estar: eu irei mais tarde, se puder. Creio que é cedo, não?

Lopo Alves tirou o relogio e viu que eram nove horas e meia. Passou a mão pelo bigode, levantou-se deu alguns passos na sala, tornou a sentar-se e disse:

— Dou-lhe uma noticia, que certamente não espera. Sabe que fiz... fiz um drama.

— Um drama! exclamou o bacharel.

— Que quer? Desde creança padeci destes achaques litterarios. O serviço militar não foi remedio que me curasse, foi um paliativo. A doença regressou com a força dos primeiros tempos. Já agora não ha remedio se não deixal-a, e ir simplesmente ajudando a natureza.

Duarte recordou-se de que effectivamente o major fallava n'outro tempo de alguns discursos inauguraes, duas ou tres neniais e boa somma de artigos que escrevera acerca das campanhas relatadas em *Tito Livio*.

Havia porém muitos annos que Lopo Alves deixara em paz os generaes romanos e os defuntos: nada fazia suppôr que a molestia volvesse, sobre tudo caracterizada por um drama. Esta ultima circumstancia explicava-hia o bacharel, se soubesse que Lopo Alves, algumas semanas antes, assistira á representação de uma peça do genero ultra-romantico, obra que lhe agradou muito e lhe sugeriu a idéa de affrontar as luzes da rampa.

Não entrou o major nestas minuciosidades necessarias, e o bacharel ficou sem conhecer o motivo da explosão dramatica do militar. Nem o soube, nem curou disso. Encareceu muito as faculdades mentaes do major, manifestou calorosamente a ambição que nutria de o ver sahir triumphante naquelle estréa, prometteu que o recommendaria a alguns amigos que tinha no *Correio Mercantil*, e só estacou e empallideceu quando viu o major, tremulo de bemaventurança, abrir o rôlo que trazia consigo.

— Agradeço-lhe as suas boas intenções, disse Lopo Alves, e aceito o obsequio que me promette; antes delle, porém, desejo outro. Sei que é intelligente e lido; ha de me dizer francamente o que pensa deste trabalhinho. Não lhe peço elogios, exijo franqueza e franqueza rude. Se achar que não é bom, diga-o sem rebuço.

Duarte procurou desviar aquelle calix de amargura; mas era difícil pedil-o, e impossivel alcançal-o. Consultou melancolicamente o relogio, que marcava nove horas e cincuenta e cinco minutos, enquanto o major folheava paternalmente as cento e oitenta folhas do manuscrito.

— Isto vai depressa, disse Lopo Alves; eu sei o que são rapazes e o que são bailes. Descanse que ainda hoje dansará duas ou tres valsas com *ella*, se a

tem, ou com elles. Não acha melhor irmos para o seu gabinete?

Era indiferente, para o bacharel, o lugar do suppicio; accedeu ao desejo do hospede. Este, com a liberdade que lhe davam as relações, disse ao creado que não deixasse entrar ninguem.

O algoz não queria testemunhas. A porta do gabinete fechou-se; Lopo Alves tomou lugar ao pé da mesa, tendo em frente o bacharel, que mergulhou o corpo e o desespero n'uma vasta poltrona de marroquim, resoluto a não dizer palavra para ir mais depressa ao termo.

O drama dividia-se em sete quadros. Esta indicação produziu um calafrio no ouvinte. Nada havia de novo naquellas cento e oitenta paginas, senão a letra do autor. O mais eram os lances, os caracteres, as *ficolles* e até o estylo dos mais acabados typos do romantismo desgrehnado. Lopo Alves cuidava pôr por obra uma invenção, quando não fazia mais do que alinhavar as suas reminiscencias. N'outra occasião, a leitura seria um bom passatempo.

Havia logo no primeiro quadro, especie de prologo, uma creança roubada á familia, um envenenamento, dous embuçados, a ponta de um punhal e quantidade de adjectivos não menos afiados que o punhal. No segundo quadro dava-se conta da morte de um dos embuçados, que devia resuscitar no terceiro, para ser preso no quinto, e matar o tyranno no septimo.

Além da morte apparente do embuçado, havia no segundo quadro o rapto da menina, já então moça de desesete annos, um monólogo que parecia durar igual prazo, e o roubo de um testamento.

Eram quasi onze horas quando acabou a leitura deste segundo quadro. Duarte mal podia conter a colera; era já impossivel ir ao Rio Comprido. Não é fóra de propósito conjecturar que, se o major expirasse naquelle momento, Duarte agradeceria a morte como um beneficio da Providencia. Os sentimentos do bacharel não faziam crer tamanha ferocidade; mas a leitura de um máo livro é capaz de produzir phenomenos ainda mais espantosos. Accresce que, enquanto aos olhos carnaes do bacharel apparecia em toda a sua espessura a grena de Lopo Alves, fulgiam-lhe aos olhos do espirito os fios de ouro que ornavam a formosa cabeça de Cecilia; elle a via com os seus olhos azues, sua tez branca e rosada, seu gesto delicado e gracioso, a dominar todas as demais damas que lá deviam estar no salão da viuva Menezes. Via aquillo, e ouvia mentalmente a musica, a palestra, o sôar dos passos, e o ruge-ruge das sedas; enquanto a voz rouquenha e sensaborona de Lopo Alves ia desfendo os quadros e os dialogos, com a impassibilidade de sua grande convicção.

O tempo ia passando, e o ouvinte já não sabia a conta dos quadros. Meia noite soara desde muito; o baile estava perdido. De repente, viu Duarte que o major, que parecia ler attentamente o manuscrito, ergueu-se, impertigou-se, cravou nelle uns olhos odiosos e máus, e sahio arrebatadamente do gabinete. Duarte quiz chamal-o, mas o pasmo tolhera-lhe a voz

e os movimentos. Quando pôde dominar-se, ouviu o bater do tacão rijo e colérico do dramaturgo na pedra da calçada. Foi á janella; nada viu nem ouvio; autor e drama tinham desaparecido.

— Porque não fez elle isso ha mais tempo? disse o rapaz suspirando.

O suspiro mal teve tempo de abrir as azas e sahir pela janella fóra, em demanda do Rio Comprido, quando o creado do bacharel veio annunciar-lhe a visita de um homem baixo e gordo.

— A esta hora! exclamou Duarte.

— A esta hora, repetiu o homem baixo e gordo, entrando na sala. A esta ou á qualquer hora, pôde a policia entrar na casa do cidadão, uma vez que se trata de um delicto grave.

— Um delicto!

— Creio que me conhece.....

— Não tenho essa honra.

— Sou empregado na policia.

— Mas que tenho eu com V. S.? de que delicto se trata?

— Pouca cousa: um furto. O senhor é accusado de haver subtrahido uma chinella turca. Apparentemente não vale nada ou vale pouco a tal chinella. Mas ha chinella e chinella. Tudo depende das circunstancias.

O homem disse isto com um riso sarcastico, e cravando no bacharel um olhar inquisitorial. Duarte não sabia sequer da existencia do objecto roubado. Concluiu que havia equivoco de nome, e não se zangou com a injuria irrogada á sua pessoa, e de algum modo á sua classe, atribuindo-se-lhe a ratonice. Isto mesmo disse ao empregado da policia, acrescentando que não era motivo, em todo o caso, para encommodal-o a semelhante hora.

— Hade perdoar-me, disse o representante da autoridade. A chinella de que se trata vale algumas dezenas de contos de réis; é ornada de finissimos diamantes, que a tornam singularmente preciosa. Não é turca só pela fórmia, mas tambem pela origem. A dona, que é uma das nossas patricias mais viageiras, esteve, ha cerca de tres annos no Egypto, onde a comprou á um judeu. A historia, que este alumno de Moysés referiu acerca daquelle producto da industria musulmana, é verdadeiramente miraculosa, e, no meu sentir, perfeitamente mentirosa. Mas não vem ao caso dizel-a. O que importa saber é que ella foi roubada e que a policia tem denuncia contra o senhor.

Neste ponto do discurso, chegára-se o homem á janella; Duarte suspeitou que fosse um doudo ou um ladrão. Não teve tempo de examinar a suspeita, porque dentro de alguns segundos, viu entrar cinco homens armados, que lhe lançaram as mãos e o levaram, escada abaixo, sem embargo dos gritos que soltava e dos movimentos desesperados que fazia. Na rua havia um carro, onde o meteram á força. Ja lá estava o homem baixo e gordo, e mais um sujeito alto e magro, que o receberam e fizeram sentar no fundo do carro. Ouvio-se estalar o chicote do cocheiro e o carro partiu á desfilada.

— Ah ! ah ! disse o homem gordo. Com que então V. S. pensava que podia impunemente furtar chinellas turcas, namorar moças louras, casar talvez com elles... e rir ainda por cima do genero humano ?

Ouvindo aquella allusão à dama dos seus pensamentos, o moço estremeceu e sentiu um calafrio. Tratava-se, ao que parecia, de algum desforço de rival supplantado. Ou a allusão seria casual e estranha à aventura? Duarte perdeu-se n'um cipoal de conjecturas, em quanto o carro ia sempre andando a todo o galope. No fim de algum tempo, Duarte arriscou uma observação :

— Quaes quer que sejam os meus crimes, supponho que a policia...

— Nós não somos policia, interrompeu friamente o homem magro.

— Ah !

— Este cavalheiro e eu fazemos um par. Elle, o senhor, e eu faremos um terno. Ora, terno não é melhor que par; não é, não pôde ser. Um casal é o ideal. Provavelmente não me entendeu ?

— Não, senhor,

— Ha de entender logo mais.

Duarte resignou-se ao adiamento, envolveu-se no silencio e no chambre, e deixou correr o carro e a aventura. Obra de cinco minutos depois estacavam os cavallos.

— Chegamos, disse o homem gordo.

Dizendo isto tirou um lenço da algibeira e offereceu-o ao bacharel para que tapasse os olhos. Duarte recusou, mas o homem magro observou-lhe que era mais prudente obedecer que resistir. Não resistio o bacharel; atou o lenço e apeou-se. Ouvio d'ahi a pouco ranger uma porta; duas pessoas, — provavelmente as mesmas que o acompanharam no carro, — seguraram-lhe nas mãos e o conduziram por uma infinitade de corredores e escadas. Andando, ouvia o bacharel algumas vozes desconhecidas, que proferiam baixinho palavras soltas e phrases truncadas. Afinal pararam; disseram-lhe que se sentasse e destapasse os olhos. Duarte obedeceu; mas ao desvendar-se, não viu ninguem mais.

Era uma sala vasta, assaz illuminada, tratejada com elegancia e opulencia. Era talvez sobre posse a variedade dos adornos; com tudo, a pessoa que os escolhera devia ter gosto apurado. Os bronzes, charões, tapetes, espelhos, — a copia infinita de objectos que enchiham a sala era tudo da melhor fabrica. A vista daquillo restituio a serenidade de animo ao bacharel; não era provavel que alli morassem ladrões.

Reclinou-se o moço indolentemente na ottomana... Na ottomana! esta circunstancia trouxe á memoria do rapaz o principio da aventura e o roubo da chinella. Alguns minutos de reflexão bastaram para ver que a tal chinella era já agora mais que problematica. Cavando mais fundo no terreno das conjecturas, pareceu-lhe achar uma explicação nova e definitiva. A chinella vinha a ser pura metaphora; tratava-se do coração de Cecilia, que elle roubara, delicto de que o queria punir o já imaginado rival. A isto deviam ligar-se naturalmente

as palavras mysteriosas do homem magro: o par é melhor que o terno; um casal é o ideal.

— Ha de ser isso, concluiu Duarte; mas quem será esse pretendente derrotado ?

Neste momento abriu-se uma porta do fundo da sala e appareceu, ou melhor, negrejou a batina de um padre alvo e calvo. Duarte levantou-se como por effeito de uma mola. O padre atravessou lentamente a sala, ao passar por elle deitou-lhe a benção, e foi sahir por outra porta rasgada na parede fronteira. O bacharel ficou sem movimento, a olhar para a porta, a olhar sem ver, estupido de todos os sentidos.

O inesperado daquella apparição baralhou totalmente as ideias do bacharel, a respeito da aventura, de que estava sendo protagonista. Não teve tempo, entretanto, de cogitar alguma nova explicação, porque a primeira porta foi de novo aberta e entrou por ella outra figura, desta vez o homem magro, que foi direito a elle e o convidou a seguir-o. Duarte não oppoz resistencia. Sahiram por uma terceira porta, e, atravessados alguns corredores mais ou menos alumados, foram dar á outra sala, que só o era por duas velas postas em castiçaes de prata. Os castiçaes estavam sobre uma meza larga. Na cabeceira desta havia um homem velho que representava ter cincuenta e dous annos; era uma figura athletica, farta, de cabellos na cabeça e na cara.

— Conhece-me ? perguntou o velho, logo que Duarte entrou na sala.

— Não, senhor.

— Nem é preciso. O que vamos fazer exclue absolutamente a necessidade de qualquer apresentação. Saberá em primeiro logar que o roubo da chinella foi um simples pretexto....

— Oh ! de certo ! interrompeu Duarte.

— Um simples pretexto, continuou o velho, para trazel-o a esta nossa casa. A chinella não foi roubada; nunca sahiu das mãos da dona. João Rufino, vá buscar a chinella.

O homem magro sahiu, e o velho declarou ao bacharel que a famosa chinella não tinha nenhum diamante, nem fôra comprada a nenhum judeu do Egypto; era, porém, turca, segundo se lhe disse, e um milagre de pequenez. Duarte ouviu as explicações, e reunindo todas as forças perguntou resolutamente :

— Mas, senhor, não me dirá de uma vez o que querem de mim e o que estou fazendo nesta casa?

— Vae sabel-o, respondeu tranquillamente o velho.

A porta abriu-se e appareceu o homem magro com a chinella na mão. Duarte, convidado a approximar-se da luz, teve occasião de verificar que a pequenez era realmente miraculosa. A chinella era de marroquim finissimo; no assento do pé, estufado e forrado de seda cor azul, havia duas letras bordadas a ouro.

— Chinella de creança, não lhe parece ? disse o velho.

— Supponho que sim.

— Pois suppõe mal; é chinella de moça.

— Será; nada tenho com isso.

— Perdão! tem muito, porque vai casar com ella.

— Casar! exclamou Duarte.

— Nada menos. João Rufino, vá buscar a dona da chinella.

Saiu o homem magro, e voltou logo depois. Assomando á porta, levantou o reposteiro e deu entrada a uma mulher que cainhava para o centro da sala. Não era mulher, era uma sylphide, uma visão de poeta, uma criatura divina. Era loura; tinha os olhos azuis, não pensativos como os de Cecilia, mas extáticos, uns olhos que buscavam o céo ou pareciam viver delle. Os cabellos, delicadamente penteados, faziam-lhe em volta da cabeça, um resplendor de santa; santa sómente, não martyr, porque o sorriso, que lhe desabrochava os labios, era um sorriso de bemaventurança, como raras vezes hade ter tido a terra. Um vestido branco, de finíssima cambraia, envolvia-lhe castamente o corpo, cujas formas aliás desenhava, pouco para os olhos, mas muito para a imaginação.

Um rapaz, como o bacharel, não perde o sentimento da elegancia, ainda em lances como aquele. Duarte, ao ver a moça, compoz, o melhor que pôde, o chambre, apalpou a gravata e fez uma ceremoniosa cortesia, a que a moça correspondeu com tamanha gentileza e graça, que a aventura começou a parecer muito menos atterradora.

— Meu caro doutor, esta é a noiva.

A moça abaixou os olhos; Duarte respondeu que não tinha vontade de casar.

— Tres cousas vae o senhor fazer agora mesmo, continuou impassivelmente o velho: primeira, casar; segunda, fazer testamento; terceira, engolir certa droga do Levante....

— Veneno! interrompeu Duarte.

— Vulgarmente é esse o nome; eu dou-lhe outro: passaporte do ceu.

Duarte estava pallido e frio. Quiz fallar, não pôde; um gemido, se quer, não lhe saiu do peito. Rolaria ao chão, se não houvesse alli perto uma cadeira em que se deixou cahir.

— O senhor, continuou o velho, tem uma fortuninha de cento e cinco contos. Esta perola será a sua herdeira universal. João Rufino, vá buscar o padre.

O padre entrou, o mesmo padre calvo que abençoara o bacharel pouco antes; entrou e foi direito ao moço, ingrolando somnolentamente um trecho de Nehemias ou qualquer outro propheta menor; travou-lhe da mão e disse:

— Levante-se!

— Não! não quero! não me casarei!

— E isto? disse da mesa o velho apontando-lhe uma pistola.

— Mas então é um assassinato?

— E; a diferença está no genero de morte: ou violenta com isto, ou suave com a droga. Escolha!

Duarte suava e tremia. Quiz levantar-se e não pôde. Os joelhos batiam um contra o outro. O padre chegou-se-lhe ao ouvido, e disse baixinho:

— Quer fugir?

— Oh! sim! exclamou Duarte, não com os labios, que podia ser ouvido, mas com os olhos em que poz toda a vida que lhe restava.

— Vê aquella janella? Está aberta: em baixo fica um jardim. Atire-se d'ali sem medo.

— Oh! padre! disse baixinho o bacharel.

— Não sou padre, sou tenente do exercito. Não diga nada.

A janella estava apenas cerrada: via-se pela fresta uma nesga do céo, já meio claro; Duarte não hesitou, reunio todas as forças, deu um pulo do lugar onde estava e airoou-se á Deus misericordia por alli abaixo. Não era grande altura, a queda foi pequena; ergueu-se o moço rapidamente, mas o homem gordo que estava no jardim tomou-lhe o passo.

— Que é isso? perguntou elle, rindo.

Duarte não respondeu, fechou os punhos, bateu com elles violentemente nos homens do homem e deitou a correr pelo jardim fóra. O homem não cahiu; sentio apenas o abalo do golpe; mas, passada a impressão, seguiu no encalço do fugitivo. Começou então uma carreira vertigiosa. Duarte ia saltando cercas e muros, calcando canteiros, esbarrando nas arvores que uma ou outra vez se lhe erguiam na frente. Escorria-lhe o suor em bica, alteava-se-lhe o peito, as forças iam a perder-se a pouco e pouco; tinha uma das mãos ferida, a camisa salpicada do orvalho das folhas. Duas vezes esteve a ponto de ser apanhado; o chambre pegara-se-lhe em uma cerca de espinhos. Enfim, cangado, ferido, offegante, cahiu nos degraus de pedra de uma casa, que havia no meio do ultimo jardim que atravessára. Olhou para traz; não viu ninguem; o perseguidor não o acompanhara até alli. Podia vir, entretanto; Duarte ergueu-se a custo, subio os quatro degraus que lhe faltavam, e entrou na casa, cuja porta, aberta, dava para uma sala pequena e baixa.

Um homem que alli estava, lendo o *Jornal do Commercio*, pareceu não o ter visto entrar. Duarte cahiu num cadeira. Fitou os olhos no homem. Era o major Lopo Alves. O major, empunhando o *Jornal*, cujas formas iam-se tornando extremamente exigüas, exclamou repentinamente:

— Anjo do ceu, estás vingado! Fim do ultimo quadro.

Duarte olhou para elle, para a mesa, para as paredes, esfregou os olhos, respirou á larga.

— Então! Que tal lhe parece o drama?

— Ah! excellente! respondeu o bacharel, levantando-se.

— Paixões fortes, não?

— Fortíssimas. Que horas são?

— Duas.

Livre do pesadelo, Duarte despediu-se do major jurando a si proprio nunca mais assistir á leitura de melodramas, sejam ou não obras de major. E' a moralidade do conto.

Manabés.

CHRONICA DA QUINZENA.

Politica elegante e amena. É a divisa desta chronica, e, ainda bem, que é tambem o programa do nobre barão de Cotelipe, a alma do ministerio.

Eu entendo-me perfeitamente com um ministro espirituoso, e muito pouco com um ministro espiritual.

D'ahi vem que a situacão da Amnistia e da Divina Providencia só me pareceu digna de figurar nestas paginas depois que percebi a disposição em que está o illustre ministro de estrangeiros: a de fazer elle só os gastos da conversa e administracão.

O velho guerreiro, que emprestou seu nome a esta composição ministerial entrou para o gabinete com o animo bem prevenido e disposto a ver, ouvir, e não tocar no governo.

General de animo desprevenido, só aquelle a quem o epico portuguez fez repetir o celebre — *não cuidei*.

Ora, o venerando duque de Caxias, organizando seu ministerio cuidou absolutamente em ficar de acordo com Camões, engendrando uma politica que se assinalasse pelas armas e pelos barões....

Por isso o nobre duque deu-nos o Sr. Barão de Cotelipe, que nos está dando esta revista.

Descoberto o seu homem, o bravo guerreiro reatou o homericó sonno que dorme à sombra dos loureiros.

**

Entretanto o que faz o Sr. de Cotelipe neste momento?

As folhas politicas asseguram que elle prepara o cahos de onde devem sahir as eleições.

As folhas não politicas acreditam que S. Ex. descanca e lê o prologo do Sr. Deiró à proposito de *Jocelyn*.

Eu prefiro crer que o Sr. Cotelipe antes se occupa com o regulamento dos galões brancos e amarelos do que com as malacacheias litterarias do seu corregionario, compatriota, e cantor.

Para lêr a conversacão preambular do Sr. Deiró, ahí está o Sr. Conselheiro José Bento, ministro do imperio na republica das letras. Sómente S. Ex. será capaz de descobrir aquella capella *Sextina* (de sexta?) com os taes quadros de Raphael suspensos sem duvida no *lençol de Waterloo* em que Napoleão se amortalhou antes de ir para as solilões de Santa Helena.

**

Em compensação o honrado ministro da justica, que já esteve em Roma, não descobriria nada disso, e nem tem contado á pessoa alguma o que deixou de vér.

Mas o ministerio, que é o cerebro do paiz, deve fazer alguma cousa.

Interregno parlamentar não quer dizer *otium cum dignitate*.

O Sr. ministro da marinha sabem todos que está esperando o encouraçado *Independencia*.

É uma espectativa digna de epopeias.

O que faremos, porém do grande navio?

Uma expedicão em busca do vellocino não de ouro mas de... Prata?

Uma amostra, para a exposição de Philadelphia, da prodigalidade nacional?

**

O paiz esperava outra independencia, a eleição directa mesmo sem empenho de honra.

Não lhe fizeram a vontade, e elle parece que não se zangou. É que este Brazil é bom homem no fundo.

Fazem-lhe tantas promessas, e elle á confiar n'ellas!

Perjuram-lhe tanto, e elle sempre á perdoar fraquezas e volubilidades!

O ultimo madrigal da sereia foi essa promessa de auxilio á laboura.

E as chuvas ainda não começaram....

Se como muita gente pensa, o actual ministerio tem de durar até que o Imperador complete a viagem

que premedita em torno do mundo, teremos por força de nos familiarisar com o governo.

É mesmo provavel que seja banido esse tratamento ceremonioso, e que, como Jupiter de Offenbach, se nos faça presente da formula cheia de etiqueta.

Sua Magestade antes de partir, baptiza o principe do Gran-Pará.

A festa do baptizado é a preocupação de muita gente.

Uns porque esperam as gracas annunciadas e adiadas; outros simplesmente pelo attractivo do festejo.

Eu peço licença ao mestre de ceremonias da Capella Imperial para coimpor o *Credo* que deve ser repetido pelo augusteo infante, ou pelo seu padrinho.

Farei o novo *Credo* muito catholico e constitucional; como o syllabo ou como a nossa magna carta.

E até em verso e em latim.

**

E depois do baptizado deixa-nos o Imperador por dezoito meses

Como da primeira vez que foi á Europa, Sua Magestade viajará incognito. Simples particular, sem fausto nem insignias reaes.

Quizera agora aqui os oradores da nossa Constituinte que tão erudita discussão sustentaram para que se decidisse se a corôa é ou não um chapéu.

A questão começo á propósito da entrada de D. Pedro I, no recinto da assembléa com a corôa na cabeça ou na mão.

Diziam varios oradores:

Deve entrar descoberto!

Outros:

Mas a corôa não é uma cobertura!

E.—Não é.

E assim muitos e substanciaes discursos.

Para cortar o debate concordou-se em pôr uma pedra em cima da questão.

Sua Magestade, o Sr. D. Pedro II, indo viajar de chapéu e deixando aqui a corôa, resolve perfeitamente o caso e em favor dos que n'ella não visam uma cobertura.

Mas a viagem imperial não será antes de Março, e portanto é cedo para noticia-la.

**

O Imperador não vai á Europa sem saber ao certo o numero de seus subditos.

Está terminado o recenseamento, e o director geral da estatística já fez entrega das listas da população brazileira.

Parece que não somos tantos como se supunha.

Sua Magestade não gostou do trabalho, e notou a escassez de gente alistada.

Também eu não jurarei sobre os algarismos do Sr. Campos de Medeiros.

Devem ser biblia falsificada.

E a propósito de biblia e de estatística, declaro que muito receio algum castigo do céo, depois deste recenseamento com o desagrado imperial.

Foi tal qual no tempo de David: O propheta-rei quiz saber exactamente o numero de seus vassallos, e chamou Joah, que era o director da estatística na Judéa.

— Faz a resenha do meu povo para que eu saiba o numero.

Joah, diz a vulgata, gastou nove meses e vinte dias na operação, que foi feita pelo Sr. Campos de Medeiros no espaço de trez annos, e declarou a David que em Israel existiam oitocentos mil braços capizes de puxar a espada, e quinhentos mil em Judá.

O rei psalmista e harpista enfiou, e zangou-se com a estatística.

E o Senhor mandou dizer-lhe que sua curiosidade fôra culposa. Para reparar o peccado real seria a nacão perseguida por peste, fome ou guerra, á escolha de David!

E elle escolhiu a peste.

E a febre amarella ahí está, e nós não temos

culpa nem da curiosidade maxima nem do algarismo minimo....

Que o Senhor aparte de nós o calix de sua ira e as estatísticas do Sr. Campos de Medeiros.

**

E nada mais pelo mundo politico, nem mesmo os conselheiros de estado e os viscondes e comendadores anunciados ha mais de mez !

Fanfulla.

ENTRE DOIS CASAMENTOS

Havia poucos dias que morrera o marido de uma das mais interessantes mulheres do Rio, e a casa que elle habitara começava á passar por uma completa transformação. A viúva, entregue ainda, e sinceramente, ao pezar do seu lucto recente, pensava todavia nos intervallos da tristeza em mudar tudo o que em roda de si lembrava-lhe a vida que levava com um homem, muito mais velho do que ella, e de uma educação muito diversa da sua. A transformação começou pelo quarto da cama; ainda que esse retiro inviolável nunca tivesse sido profanado pela presença de um homem, o leito, as cortinas, o tapete, os moveis, o relogio-lamparina, que marcava-lhe as horas á noite, tudo lembrava-lhe as lagrimas de que tantas vezes ella molhara as fronhas alvas dos seus grandes travesseiros. Foi n'esse quarto, que ella passou as horas mais crueis de sua vida, pensando que devia morrer assim, sem sentir um momento a felicidade do amor, sem ter ao lado quem a fizesse adormecer e despertar, dizendo-lhe — eu te amo: então ella punha-se á admirar-se a si mesma, os seus cabellos pretos e brilhantes, o collo, as linhas do corpo, os contornos da perna, o pé pequeno e alvo como um froco de neve.... e a lamentar as rendas finissimas da camisa com que ninguem devia vel-a dormir.

Esse quarto foi o primeiro a soffrer a transformação, que se estendeu ao de vestir, aos salões, á grande sala de jantar, á escadaria, ao vestibulo, comprehendendo as pessoas e librés dos criados. Quando essa mudança radical terminou, nada, senão a situação e a fórmā do edificio, restava da casa em que tinha vivido o velho barão do Corcovado, um dos mais inoffensivos e estúpidos membros da nossa aristocracia.

Apenas sentiu-se em uma habitação inteiramente outra, a joven e romantica baroneza criou alma nova, e tomado uma folha de papel muito comprida e estreita, acima da qual estavam gravadas as armas dos Corcovados, e a sua legenda: — VVR E CALAR, escreveu as seguintes linhas que assignou:

« Meu caro primo,

« Não quizera partir para a Europa sem dizer-lhe adeus; minha viagem está *definitivamente* resolvida, mas acima de minha vontade está o Destino, que é para mim o homem ingrato e esquecido que eu tenho a desgraça e a fortuna de adorar. — EMMA. »

O joven fazendeiro a quem esse bilhete foi dirigido, apenas recebeu-o, partio para o Rio e apresentou-se em casa da prima, á noite. A baroneza esperava-o por esse mesmo trem, porque sabia que, a um chamado seu, elle viria com prazer pelo telegrapho, se podesse; apesar porém de esperal-o, ella não encubriu o prazer que essa punctualidade lhe causava, e mandou que introduzissem o primo no salão amarelo.

Alberto, é o nome do primo, não deixou de notar uma só das intenções amaveis da baroneza, no modo por que preparára o salão para recebel-o. Em cima da mezi estava aberto um livro de versos, que elle commettera o peccado de escrever aos vinte annos; n'um album havia com as diversas datas tres retratos seus; em um vaso uma immensa magnolia embalsamada o ar, e elle tinha a paixão dessa flor; em summa, elle sentia-se de antemão objecto de uma

ternura minuciosa e delicada que o tocava. Quando Emma entrou na sala, elle pôde ver que um momento sua bella prima empallideceu de leve; a conversa começou fria, mas foi a pouco e pouco animando-se até chegar ao ponto em que se travou entre elles o seguinte dialogo:

EMMA (*no canapé, fingindo olhar para o album*)

Foi muito amavel de sua parte ter vindo sem perder um trem; eu não queria tambem demorar-me em dizer lhe para o que pedi-lhe que viesse ver-me. Lembra-se ainda de uma noite de Junho do anno passado.....

ALBERTO (*recordando-se*)

Em que lhe disse que a amava...? (*sorrindo*,) hoje não sei se poderia repeti-lo.....

EMMA

Ah! mudou tão depressa.....

ALBERTO

Não; as circunstancias são outras: a senhora então era casada, hoje é viúva.

EMMA

A razão é engenhosa; quer dizer que me amava quando não corria o risco de ser correspondido, mas que hoje tem medo de sel-o, e por isso não me ama mais....

ALBERTO

Pouco mais ou menos, é isso. Quando seu marido vivia, com as dificuldades e os obstaculos que encontramos sempre nelle, ver-nos-hiamos tão raras vezes se eu tivesse tido a fortuna de agradar-lhe.... n'aquelle noite, que ninguém descobriria o nosso segredo; hoje com a facilidade, ao menos durante a reacção....

EMMA

A reacção?

ALBERTO

Sim, a mulher cujo marido morreu deve sentir, depois do periodo agudo do lucto, um como despertar de todos os instinctos, uma vida nova para o amor: é a sua convalescencia, e todos sabem quanto as convalescencias são perigosas.... durante esse periodo, se me virem voltar á sua casa, dirão todos que sou seu amante.....

EMMA

Ou meu noivo.....

ALBERTO (*aproximando-se e amarel*)

Pois é isto o que eu chamo um comprometimento.....

EMMA

Mas o noivo pôde ser depois o marido.....

ALBERTO

Ah! então, a perdição seria completa..... casar com uma viúva!

EMMA

Dir-se-hia, meu caro primo, que eu aspiro á honra de ser mulher, e nada está mais fóra do meu pensamento..... mas, se dissessem que eu era sua amante?

ALBERTO

Ah! isso ser-me-hia quasi tão desagradavel como dizerem que sou seu noivo, e por uma razão muito simples: ser o amigo intimo de uma viúva moça é um provisório intoleravel; eu poria embaracos ao seu casamento, e, como não hei de morrer solteiro, dar-lhe-hia o desgosto de casar..... depois de tel-a impedido de fazer o mesmo.

EMMA (*depois de reflectir*,)

Então estamos em uma posição difícil.... não creio que os seus sentimentos mudem conforme as

conveniencias; quanto à mim só tive um amor na vida, e à elle fiquei sempre fiel sem ter nisso grande merecimento.... porque meu marido nunca pôz á prova essa minha fidelidade.... elle tinha sessenta annos e era tão doente quando nos casamos....

ALBERTO

Assim? Então? Ah!

EMMA (*corando até os cabellos*)

Sim.... Sim.... (*rindo-se*) E lá se foi o meu segredo.....

ALBERTO

Ah! eis uma circunstancia que muda inteiramente o caso; a questão já é outra, já não há entre nós o maior dos preconceitos que eu tenho contra as viúvas... Ah! é curioso; esse pobre barão! (*Ri e o riso é tão franco e sympathico que o da baroneza começa de novo. Silencio.*) Enfim, minha cara prima, dê-me oito dias para pensar....

EMMA

Tome o tempo que quizer....

ALBERTO

Ah! uma pergunta, e o seu título?

EMMA

Quisera conservá-lo.....

ALBERTO

Já é uma dificuldade; não tenho serviços para merecer um outro.....

EMMA

Mas não é uma clausula essencial.....

Essa primeira entrevista acabou no meio da maior felicidade... Emma cantou, Alberto encheu-lhe os ouvidos de palavras ainda mais doces do que as notas da prima, e, quando separaram-se, a jovem baroneza ofereceu-lhe a fronte, dizendo-lhe:

— É estranho, mas não estou envergonhada de tel-o pedido em casamento.

— Ah, minha prima, é apenas justo que peça uma vez quando já foi pedida tantas.

— Meu Deus, quando se ha de elle corrigir de tanta vaidade! este homem aceita todo o amor das mulheres, como se lhe fosse devido e não diz ao menos obrigado.

Findo os oito dias a baroneza receberam a seguinte carta de Alberto:

« Minha querida prima,

« Os oito dias expiram hoje e felizmente tenho já uma resposta que dar-lhe. Amando-a, como amo-a, devo todavia desistir da honra de ser seu marido, e de trocar o seu título por meu nome; se o principal preconceito que eu tenho contra as viúvas não existe para nós, existe para todos, e não sei porque, ha um ridículo tal para mim em casar com uma viúva que todo o meu amor não me dá para affrontá-lo! Comprehende-se uma luta de mel com uma mulher que já tem mais experiência desses momentos do que o homem! Francamente, eu não comprehendo; no caso presente haveria uma exceção, mas como os meus amigos não a conhecem, o ridículo seria o mesmo....

« Assim devo sacrificar a opinião a minha felicidade... mas a revelação que me fez não me deixa dormir... que poderosa sedução! que philtro embriagador!

« A propósito, pediram-me que lhe fallasse em um negocio delicado.

« Um visconde, rico, feio e velho, tudo como o seu primeiro marido, e viúvo, (é um vicio incorrigivel o de casar; quem um vez bebeu desse ópio, bebe sempre) não me pede senão que lhe falle delle e que prepare o seu casamento... com quem? com a baroneza do Corcovado.

« O pobre velho ofereceu-me até uma certa porcen-

tagem do seu dote; por isso, com a esperança de ter um bom presente de noivado... o sangue parou-me nas veias... peço-lhe que se resolva a ser viscondessa do Itatiaya; é uma montanha ainda mais alta que o Corcovado. O seu noivo viu o seu retrato e está hallucinado; pobre velho! Unicamente combinamos nisto: se a proposta for aceita, o casamento far-se-ha em minha fazenda, onde um mez antes do dia fixado, a baroneza do Itatiaya virá residir.... Prometto-lhe para o seu casamento as festas mais deslumbrantes que a minha imaginação possa sonhar. Não ha tempo a perder.— ALBERTO. »

Dous meses depois da morte do seu primeiro marido, a baroneza do Corcovado, obrigada por motivos desconhecidos á apressar o seu consorcio era viscondessa do Itatiaya.... As festas foram explendidas; nunca Emma sentiu-se tão feliz como no mez que precedeu o seu segundo o casamento. Sete meses depois, a viscondessa dava ao marido uma creança loura, de olhos azuis e cujos traços finos lembravam de longe o perfil de Alberto.

O visconde do Itatiaya é hoje um homem feliz, que adora a mulher e o filho; unicamente nos seus momentos de dúvida, elle pergunta a si mesmo se a creança é realmente do tronco dos Itatiayas, ou alguma semelhança esquecida do ramo dos Corcovados. Como não ha meio de resolver essa questão, o visconde deixará em seu testamento um premio consideravel á quem restaurar a lei romana que obrigava a viúva a esperar doze meses antes de passar á segundas nupcias.

— É verdade, diz elle para consolar-se, que da mistura do sangue de um Corcovado e de um Itatiaya só pôde sahir alguma cousa de grande!

Pierot.

LETTRAS, SCIENCIAS E ARTES

Um philologo muito conhecido por seus estudos sobre as linguas do Meio-dia da Africa, reunidos na sua obra *A Comparative Grammar of the South-African Languages*, o Dr. Wilhelm Bleek, acaba de falecer. A morte do Dr. Bleek será sentida não só dos que se ocupam da philologia, como dos evolucionistas á cuja causa elle prestou como August Schleicher grandes serviços, no seu livro *Ueber den Ursprung der Sprache*, para o qual Haeckel escreveu um prefacio. Os ultimos estudos do Dr. Bleek versaram ainda sobre a lingua bushman e os dialectos hottentotes.

A recente obra do Sr. François Lenormant, — *La Langue primitive de la Chaldée et les Idiomes Touraniens* parece destinada a « abrir uma era nova para a sciencia da linguagem em geral ». A. H. Sayce, *The Academy*.

Ambroise Thomas prepara uma grande opera intitulada *Francesca de Rimini*.

Lemerre deve ja ter publicado um novo poema de Coppée, *Olivier*.

Annuncia-se a morte do celebre escultor francez, Carpeaux. Carpeaux é o autor do grupo da *Dansa* que se vê na escadaria exterior da *Nova Opera* de Paris, e que pela expressão e pelo movimento das bacchantes, produziu as mais diversas impressões. Carpeaux fez além de outros grupos e estatuas um busto de Alexandre Dumas filho, notável ainda pela expressão.

A visita do principe de Galles á India deve pôr em relevo o desenvolvimento litterario dessa grande colonia. « Mais de um milhao de meninos de escola procurarão ser examinados deante de Sua Alteza Real » diz o *Athenaeum*. Esse algarismo dispensa qualquer comentario.

Mr. Tilton, tão celebre por seu processo contra o notável pregador americano e seu collega, Mr. Beecher, que elle accusava de ter-lhe

seduzido a mulher, vai publicar sob o titulo *Unsolved Problems*—um livro de ensaios de philosophia.

A noticia da morte de Ronconi é falsa.

A celebração musical em Bergamo por occasião de serem removidos os restos de Simon Mayer e do seu discípulo Donizetti para o seu final jazigo na igreja de *Santa Maria Maggiore* foi muito solenne. A opera de Donizetti *Don Sebastiano* foi executada, tocando as principaes partes à Mme. Destin e aos Signori Abrugnedo, Pandolfini e Povoleri. Os principaes professores de musica da Italia estavam presentes, incluindo os Signori Pedrotti, Ponchielli, Salvi, Bazzini, Nini, etc. O pobre Donizetti, depois de ter sido encerrado em um hospicio de alienados em Paris morreu em Bergamo. Na casa de saude elle estava constantemente a cantar melodias das operas que lhe tinham dado uma reputação europea.

Na Opera de Vienna, devem cantar no proximo inverno Adelina Patti, Paulina Lucca, Capoul, Faure e Nicolini.

A *Aida* de Verdi que já foi levada á scena em quasi todos os theatros lyricos da Europa, deve sel-o no theatro italiano de Paris, só lhe restando ser ouvida no de Londres. A *Aida* que M.^{me} Krauss cantou com tanto brilho em Napoles em o anno passado, é uma opera de um colorido abundante e oriental. Esperemos ouvirl-a um dia no nosso Theatro Lyrico.

O barytono Padilla que tanto agradou em o Theatro Lyrico da Corte, e que teve um acolhimento muito sympathico em o de Paris, canta hoje na Opera de Moscow onde estreou-se na parte de Nelusko.

Entre os principaes cantores da Opera de Madrid vemos o nome de Tamberlick e o do Sr. Ordinas, que o publico fluminense já conhece.

O Sr. Lopes Netto, que já prestou ao paiz um relevante serviço promovendo a troca das obras nacionaes por uma collecção de livros dos outros Estados da America Meridional, está n'esse momento fazendo valiosos donativos aos Museus de Florença. Já o nosso Jardim Botanico foi enriquecido com as plantas que elle mandou-nos de Argel, e o Museu tambem tem recebido d'esse cavalheiro offertas interessantes.

O Sr. Couto de Magalhães prepara n'este momento uma obra sobre os dialectos dos nossos indigenas, que parece dever ser uma importante contribuição não só para a sciencia da linguagem como para a mythologia comparada.

O governo deve perseverar no seu intuito de utilizar os braços dos nossos indigenas, perdidos ainda e em numero consideravel nas florestas dos confins do Imperio. Para alcançar esse resultado, um dos meios mais efficazes é sem duvida reconhecer e fixar a lingua mais espalhada entre elles, para servir-nos de instrumento de civilisação. É preciso primeiro fazel-os trabalhar, depois virá a catechese e a cartilha.

O Sr. G. de Magalhães, que emprega toda a actividade de sua bella intelligencia no estudo dos costumes, da religião e dos dialectos dos selvagens, ao passo que presta grande serviço á sciencia, concorre poderosamente para extender a nossa civilisação até essa raça inculta, mas intelligent, e, ao que parece, energica, que povoa o nosso extremo Oeste. O governo devia prestar todo o seu concurso á um explorador, como o Sr. Couto de Magalhães.

CORREIO DO RIO

Felizmente não me cabe a obrigação de dar notícias: digo *felizmente*, porque eu só as poderia dar um tanto mofadas.

Hoje em dia as cousas da vespera já nos parecem velhas, quanto ás notícias de ha quinze dias,

essas nos parecem historias de ha douz mil annos antes de Christo, do tempo, por exemplo, de Sesostris.

E' que o homem moderno, como disse não sei quem, *vive no quarto d' hora*. Eu mesmo sem ser propheta, (ninguem o é em sua terra), prevejo um futuro não mui remoto em que os proprios jornaes diarios não serão mais lidos; em vez delles haverá então apenas boletins telegraphicos de cinco em cinco minutos. E' inutil accrescentar que, nessa epocha, o unico jornalista será a firma social Havas-Reuter.

* *

Se tudo se encaminha para isso, ha entretanto algumas pessoas que se não interessam absolutamente pelas cousas da actualidade, e que, por assim dizer, só vivem no passado.

Um bom archeologo, por exemplo, um desses que passa a vida longe de nós, na mais estreita intimidade com os Aryas, ou mesmo com os Semitas, que importancia pôde elle ligar a essas questões, para nós d'um interesse palpitante, chamadas *questões do dia?* Elle só deseja, só pede uma causa: que o deixem em paz extasiar-se diante de algum pedaço de pote velho, todo carcomido pela ferrugem dos seculos, ou decifrar innocentemente meia duzia de caracteres cuneiformes e hieroglyphos, que a meu ver não passam de charadas.

Ultimamente tivemos aqui um desses homens raros, verdadeiros retardatarios do seculo. Refiro-me ao Sr. Wiener que veio da Europa, não para visitarnos, mas para descobrir e seguir as pegadas das civilisações primitivas da America.

* *

Este Sr. Wiener foi para mim causa de grande surpresa e decepção. E' que eu formava outra idéa d'um sabio.

Julgava que um sabio, especialmente quando é archeologo, tivesse certos signaes caracteristicos que o não deixassem confundir-se com outro qualquer homem que não fosse tambem sabio e archeologo; accreditava que entre outras cousas um sabio devia ter uma idade respeitável, trazer uns cabellos mal penteados e bastante incultos, ser inimigo da agua durante verão e inverno, ter umas unhas tarjadas, usar de uma roupa de feitio anti-diluviano, etc., etc. Pois bem! o Sr. Wiener, que, se ainda não é um sabio está, dizem, perto disso, não tem de modo algum o que se pôde chamar o exterior da profissão.

Sabem que idade tem o Sr. Wiener? Tem apenas 25 annos. Além disso lava a cara e as mãos, pentear os cabellos, e anda vestido á moda de Pariz? E' demais! E digam-me se isso não faz um homem deserer da sciencia?

* *

Sem usar da menor *modulação*, posso a dizer duas palavras sobre architectura.

Segundo informações de uma folha diaria, vejo que o nosso governo, á semelhança dos outros, se verá obrigado a construir no parque de Philadelphia um

Pavilhão Brasileiro, e o que mais é, terá de dar á essa construcção o carácter ou tipo da nossa architectura nacional.

Mas, Santo Deus! qual será o tipo da nossa architectura nacional? Será a taba indígena? será a escola de S. José em estylo *bastardo gothico*; será a escola do Largo do Machado, em estylo tão desconhecido quão ridículo, e que se distingue sobretudo por ter no tecto dous *Kiosques*, destinados seu duvida à venda de café quente e de *rivesimos* de loteria, tudo para maior comodidade dos meninos? Emfin esta questão é grave, mesmo gravíssima. Acho que ella merece a dourta attenção da Academia das Bellas-Artes, que devia reunir para esse fim os nossos Ictinius.

Desle já o declaro: tenho muita confiança no Sr. Caminhoá, apezar de ter elle uma figura pouco architetonica.

**

Sinceramente fallando, não sei por que razão, nós, que procuramos nacionalizar as leitras, não faremos outro tanto em relação á architectura.

Se a nossa poesia deve ser um echo das florestas americanas, acho que a nossa architectura deve tambem procurar traduzir a grandeza e originalidade d'esta nossa natureza, e ser um fructo especial do solo em que nasceu e do ambiente material e moral em que se desenvolve.

**

Ha outra cousa que devíamos igualmente procurar nacionalizar um pouco: é o nosso traje.

Porque, em vez de copiarmos tólamente as modas da Europa, e até exagerando-as, não andarmos nós á moda dos Aymorés?

Isso seria em primeiro lugar mais patriótico, depois mais economico, e especialmente mais fresco, consideração esta de algum valor, creio eu, em um clima tropical.

**

Verdade é, porém, que no fundo somos muito mais Europeos de que Americanos, pois em tudo pedimos os nossos modelos á velha Europa.

Se em lugar disso estudassemos um pouco os Estados Unidos, veríamos que, para o descendente de Washington e contemporaneo de Barnum, o verdadeiro *americanismo*, e o melhor tambem, consiste simplesmente em viver cada qual por sua conta e risco, isto é, sem contar com o governo para cousa alguma.

Entre nós como tudo é differente! Assim se por acaso damos uma topada (no sentido litteral), ou mesmo torcemos um pé, somos capazes de pôr a culpa no governo.

Ha poucos dias um barguez, a quem um seu concidadão tirara por engano a carteira do bolso, exclamava com a maior convicção: *também este polícia não presta para nuli*. Como se a polícia tivesse culpa de andar elle com uma carteira.

**

A proposito de policia, devo confessar que somos um tanto injustos para com esses guardas da nossa vida e propriedade.

Não possuímos, sem duvida, a flor de todas as policias do mundo; mas nem por isso devemo-nos queixar. Se ha até paizes tão desgraçados que não possuem policia de qualidade alguma! E' verdade que nesses paizes dá-se a coincidencia de não haver ladrões.

Durante o cerco de Carthagena, organisaram os revoltosos uma guarda urbana exclusivamente composta de galés, e intitularam-na com toda a seriedade castellana — o *batalhão da ordem*. E' verdade que mais tarde viram-se obrigados a formar outro batalhão (não sei que nome lhe deram) destinado a policiar a propria policia.

Decididamente neste particular, como em todas as cousas, e em mais algumas, a Hespanha leva as lampas ao mundo inteiro. Gracas á Deus ha um oceano entre nós e a patria dos boleros.

**

Antes de fechar este *Correio*, peço licença para commetter uma pequena indiscrição, transcrevendo um dialogo que eu mesmo ouvi na sala do Club Mozart, depois dolamentavel incidente da noite de 6 do corrente.

E' mais um prova de que neste mundo dos contrastes depois do drama segue-se a comedia.

JORGE, (25 annos, idade do Sr. Wiener, o archeólogo): — Acaba V. Ex. de vêr como a verdadeira paixão mora paredes meias com a loucura.

AMELIA, (romântica e especialmente intelligente): — Olhe, eu, se um homem se suicidasse por mim...

JORGE: — O que fazia?

AMELIA: — Não resistia a essa prova de amor; casava-me com elle.

JORGE: — Só neste caso comprehendo o suicidio.

D. Raymundo.

CENTENARIO DE MIGUEL ANGELO

No dia 12 de Setembro celebrou-se em Florença o quarto centenario de Miguel Angelo.

Foi uma festa explendida, digna do immortal Buonarotti, e que reuniu todo o mundo artistico da Europa.

Muitos foram os discursos pronunciados; os mais notaveis, porém, foram o do syndico de Florença, o Sr. Peruzzi, e outro do Sr. Charles Blanc, que com talento especial soube pôr dignamente em relevo os traços daquele genio sublime, que, no dizer de Vasari, assombrava o proprio espanto.

Abaixo publicamos um soneto feito, por occasião desse centenario, por um dos nossos colaboradores.

Michel-Ange

Il cherchait l'Idéal, qui jamais ne s'altère;
Aigle, il vit flamboyer, au firmament uni,
Le moule de lumière où Dieu fond l'Infini.
Comme il était unique, il vécut solitaire.

Son cœur vierge faisait sa conscience austère,
Et, contemplant le Mal, il se sentait banni.
Créateur, il voulait voir son exil fini,
Car sa pensée était trop grande pour la terre.

O Pèlerins de l'Art, il n'est pas au tombeau,
Et pour ensevelir l'Esprit de Michel-Ange,
Il vous faudrait lui faire un sépulcre du Beau.

Mais le sombre sculpteur est devenu l'Archange,
Et, taillant, dans l'azur, les marbres radieux,
Il peuple les soleils, non d'hommes, mais de Dieux!

Correspondencia da «Epocha»

Carta ao Sr. Ministro do Imperio

Excellentissimo Senhor,

V. Ex. me perdoará a liberdade que tomo, dirigindo-me á sua respeitável pessoa. Durante a sessão legislativa eu teria remorsos de furtar a V. Ex. um só dos seus momentos tão bem aplicados em preparar esses luminosos discursos... que infelizmente V. Ex. nunca teve occasião de proferir; hoje, que as camaras estão encerradas, e nós sem o receio de tornar a vê-las tão cedo, terá V. Ex. entre as suas orações da manhã e da noite um momento para ler-me: por isso não me peza ocupar uma das horas vagas de V. Ex. com a minha correspondencia.

V. Ex. é um dos ministros, que em nosso paiz têm vestido com mais direito a farda de membro do Poder executivo; enquanto outros chegaram á essa posição por uma loquacidade importuna, por meio de programmas e de idéas que abandonaram, V. Ex., com a sua reconhecida discrição, nunca procurou outro meio de subir, senão o silencio. Para ser presidente de província, director da Instrucción Pública, ministro, e até Regente presumptivo do Imperio, V. Ex. não fez mais do que calar-se. Eis ahí a superioridade de V. Ex. sobre os seus collegas, e em geral sobre todos os homens politicos do paiz; V. Ex. comprehendeu melhor do que elles o regimen sob o qual vivemos.

Pareceu á V. Ex. que ser um orador nas nossas camaras era, mais ou menos, representar um papel distribuido de antemão, e tambem V. Ex. viu que ainda não subiram entre nós, pelo talento, pela eloquencia, por uma competencia real, senão muito poucos, e esses fóra

de sua vez, e por isso, com a mais intelligente experiecia e uma sabedoria, que só se encontra em os professores de direito romano, V. Ex. resolveu-se a seguir o proverbio arabe «a palavra é de prata, o silencio de ouro.» Só com esse proverbio foi-lhe facil chegar, alias com a maior das surpresas porque os Deuses já fizeram passar um pobre mortal, ás mais altas funcções publicas, tão alto que, se nós tivessemos a desgraça de perder o Imperador e a Princeza Imperial, essa dupla calamidade só seria compensada pela satisfação com que todos leríamos no *Diário Official* do dia seguinte a noticia de que V. Ex., na forma do artigo constitucional estava investido do Poder Executivo e feito Chefe do Estado.

O silencio, Exm. Sr., é a maior qualidade do homem publico. «Quem cala consente» diz o proverbio; eu, porém, não digo assim, mas: quem cala não diz nada. Não dizer nada é o ideal do verdadeiro estadista. V. Ex. mesmo vê o que ha de grande e de magestoso em sua attitude recolhida. Enquanto outros fazem longos discursos, contradizendo-se a cada instante e tomado compromissos que não podem satisfazer, V. Ex. não promette nada e não se contradiz nunca. O seu silencio é mais eloquente do que todos os discursos, porque o silencio nunca é contradictorio, e é sempre profundo.

Confesso a V. Ex. que as figuras silenciosas são raras na historia, e que, por isso talvez, eu tenho uma grande sympathia pelos illustres taciturnos. Acresce que V. Ex. é para mim o homem que entre nós mais tem feito pela *regeneração do sistema representativo*. Se todos os homens publicos tomassem o exemplo de discrição, de desprezo da popularidade, de temperança de linguagem, que V. Ex. lhes dá, como as sessões seriam proveitosas, e interessantes! O paiz não se havia de queixar, se os seus representantes dobrassem ainda o subsidio, mas ficassem calados. O que não podemos mais tolerar são esses discursos fastidiosos, que alias ninguém lê; se todos os deputados fizessem, como V. Ex., um exame de consciencia e preferissem não fallar á dizer tolices, como a syntaxe respiraria durante o tempo da legislatura, como o contribuinte pagaria contente o subsidio, como veríamos chegar o dia 3 de Maio com o *jubilo* de que nos falla sempre S. M.!

Infelizmente, Sr. Ministro, V. Ex. uma vez violou o programma, que era a honra de sua vida publica... houve um dia em que V. Ex. rompeu o silencio de ouro que devia servir de modelo á futura phalange parlamentar; houve um dia, marcado no grande livro do Destino por uma cruz preta, em que V. Ex. fallou. Hoje V. Ex. não o acrelita talvez, mas foi assim.

Não pôde V. Ex. lembrar-se do que disse nesse momento fatal, tão forte foi a excitação nervosa sob a qual se achava, mas como resolveu-se V. Ex. a destruir em uma hora, em sesenta minutos, o edificio de sua reputação levantado penosamente durante annos de silencio? Como não soube V. Ex. resistir á imposição dos collegas, e ficar firme, n'esse mutismo inabalavel, que constituia a unidade des ua

vida politica? V. Ex. me dirá que teve que calar-se para subir, mas que uma vez ministro tem a liberdade de dizer tudo; eu admiro ainda o profundo tacto parlamentar de V. Ex., mas perdi com o seu discurso algumas illusões que me eram caras.

Uma delas foi a de suppôr que V. Ex. estava calado em portuguez. Dizem do marechal Moltke que elle sabe calar-se em sete linguas; depois desse discurso, quizera saber em que lingua V. Ex. se cala? Outra foi a de suppôr que V. Ex., como professor de direito romano, estava imbuido da concepção do Estado leigo; só hoje comprehendo a razão pela qual as postillas de direito romano de V. Ex. eram tão fracas: é que o direito romano que V. Ex. estudou, é o direito canonico; partindo do principio que um e outro vêm de Roma, V. Ex., em vez de lêr o *Digesto*, cultivou o *Bullario*.

Uma terceira illusão, e esta mais importante, que V. Ex. me fez perder, foi a de suppôr que um homem particular podia ter as opiniões que bem quizesse, mas que um ministro, regente presumptivo, e em cujas mãos pôle cahir o poder supremo, devia representar a dignidade do paiz e a sua soberania. Ora V. Ex. pôz acima de nós todos a Divina Providencia, o que é mesmo constitucional, mas, logo abaixo, e acima do Chefe do Estado, o Soberano Pontifice....

Eis o que não comprehendo mais e por isso, paro neste ponto... V. Ex. me desculpará esta primeira carta em que, nem de longe, toquei na questão religiosa, mas eis o que se diz: diz-se, e o *Apostolo* acredita com seu silencio esta versão, que a notícia dada pela Agencia-Havas, de que os interdictos foram levantados pelo Papa, é pelo menos prematura.

O *Diario Official* já devia ter-se pronunciado a respeito de um telegramma que talvez só acalmasse as paixões para fazel-as depois despertarem mais fortes.

A amnistia, não é preciso repetil-o, não seria senão um acto de uma clemencia talvez *dicina*, como V. Ex. disse, mas, ainda assim, pouco intelligente, se desarmasse inteiramente o governo, e se a lei não podesse ser cumprida. V. Ex. vê o que ha de grave em um estado semelhante, no facto do Poder executivo não ter meios de manter a legalidade, seja contra os bispos.

Não é tambem curioso Sr. Ministro, que o Papa levante de Roma os interdictos; que tenha uma influência directa em nossas cousas, bastante para coitistar as decisões do Conselho de Estado, para completar ou impossibilitar, livremente, a acção do governo? Confesso entender dessa questão religiosa muito menos do que o Sr. Cândido Mendes, mas parece-me que o governo do paiz deve pertencer a V. Ex., e não ao cardeal Antonelli; ao Imperador, e não ao Papa.

Como estamos, o Brasil é o nosso encouraçado *Javary*, ao qual os constructores tiveram que applicar um novo leme; nós tambem temos douz lemes, um governado de Roma, outro de S. Christovam; quando um volta à direita, outro volta à esquerda, e o navio perde-se por excesso de governo.

Foi esse porém o unico dia em que V. Ex. violou os

seus principios politicos, fallando. É verdade que V. Ex. dizia sempre aos deputados da oposição: « não me farão dizer mais do que devo; já disse tudo; macaco velho não mette mão em cumbuca; ponha-me o dedo na bocca para ver se eu mordo; não, senhor, ninguem me obriga a dizer o que eu não quero; gato escaladado tem medo d'agua fria ». Todas essas bellas precauções rhetoricas da eloquencia de V. Ex., amadurecida no silencio, não n'o impediam, Exm.Sr., de dizer o que um ministro constitucional não devia, não podia dizer no parlamento. Tambem V. Ex. reparou nobremente sua falta; durante a discussão da reforma eleitoral, V. Ex., ministro da primeira pasta politica, agente principal do Poder Executivo, V. Ex. teve sempre a attitudé mais correcta, uma dessas posições inexpugnaveis em que raros ministros se têm até hoje entrincheirado. Não contente com ser o unico a guardar, no meio de tantos discursos desencontrados e da confusão geral, a dignidade do silencio, V. Ex. adoeceu. Calar-se é nobre, adoecer é generoso; calar-se é grande, adoecer é sublime. O talento de Cesar chegava-lhe para calar-se, o genio de Napoleão ia até adoecer. Se Cesar tivesse adoecido nos Idos de Março, o que seria de Bruto? O que seria de Napoleão, se Bonaparte no 18 brumario não tivesse sabido ter uma vertigem? Nem todos podem calar-se; os que sabem porém adoecer a tempo não são raros, são unicos.

E assim que minha admiração por V. Ex. não ficou diminuida pelo celebre discurso da Divina Providencia, mas aumentada pela doença da reforma eleitoral; é essa admiração que me leva a escrever á V. Ex. uma serie de cartas para mostrar-lhe em que estado se acha a instrucção publica na corte, convin-dido dizer que V. Ex. tem desculpa de não conhecer esse estado de crise: V. Ex. acaba de ser Director da Instrucção Publica. Assim como fallo á V. Ex., fallarei á qualquer ministro, porque não tenho outra politica senão a do desenvolvimento moral do nosso paiz.

Sendo assim, peço-lhe, Sr. Ministro, que me crêa

De V. Ex.

Muito dedicado admirador,

Vinquietum.

Chronica Fluminense

O meu programma é não ter impressões minhas. Sempre que fôr a um divertimento, observarei o rosto de duas senhoras, uma ainda muito moça, outra mais experiente, e conforme vir que se divertem ou que aborrecem-se, direi da festa que esteve muito alegre ou muito insipida. No fim de contas devo fazer assim, porque eu não tenho o direito de dizer que um divertimento esteve excellente, só porque eu não senti passar o tempo, ou estupido, só porque vim deitar-me ás 9 horas, e, se foi de dia, porque preferi ir passear na rua do Ouvidor. A festa mais brilhante do mundo pôde parecer-me desanimada, desde que eu não vir

algumas das sete senhoras de nossa sociedade que, para mim, alegram até... o theatro de S. Pedro. Sete! e quantas vezes tenho-as visto faltar todas...

Não é porem uma razão para eu dizer de um espectáculo — que todos abriam a bocca, não ter estado lá uma só dessas senhoras. Para não envolver-me nesta chronica e deixar as minhas impressões inteiramente de lado, resvolvi fazer dessas duas senhoras de quem fallei, o chronista da *Epocha*. Onde elles aparecerem, não deixo-as de vista; o que elles disserem, melhor ainda o que pensarem, sahirá nestas columnas: onde elles não forem, não haverá divertimento elegante, porque desde que é elegante ellas vão, e desde que elles não vão não é elegante. O perigo seria não cahirem elles de accôrdo, divertir-se uma e aborrecer-se outra! Isso porém não acontecerá, porque nenhuma delas tem um, ou mesmo dous, ou mesmo tres cavaleiros, cuja presença ou ausencia, em uma sala, possa impressional-as.

Se, porém, uma ou outra vez divergirem, eu farei duas chronicas. Assim o meu programma repito, é não escrever o que sinto, mas o que sentem essas duas senhoras, que alias eu não tenho a honra de conhecer.

**

O inverno este anno deixou-nos a todos as mais agradaveis recordações, entretanto nada houve de extraordinario. O mez de Setembro sobre tudo esteve muito animado, tão animado que eu propunha que se começasse a proxima *estação* por um mez de Setembro. Foi assim no Norte do Imperio, no mez de Outubro, quando o Imperador ia chegar á um lugar sómente conhecido pela Semana Santa que lá se fazia: não tendo outro meio de divertir o monarca, a pequena villa convocou todos os seus padres, que lá gozavam do *otium cum dignitate*, e puzeram-se a preparar uma Semana Santa; provavelmente o Apostolo dirá que isso não se realizou, mas eu acrescento que foi por obra do hospede e não do vigario.

**

D'entre as muitas recordações, que tenho, uma das mais alegres é a de um *pic-nic* dado no alto do Corcovado, ao qual não fui... Uma dessas senhoras não sabe talvez que eu ouvi-lhe contar tudo, e que lembro-me de seu conto como se tivesse assistido á festa. O certo é que poucos brasileiros já fizeram um *pic-nic* no Corcovado; pois vale a pena. Os cavallos de aluguer são a unica sombra na paisagem; mas a natureza, a vista, o prazer de respirar naquellas alturas ao lado da mulher que se ama... naquelle momento, e depois, no seio da floresta, uma cesta de *champagne* que nos espera, a mesa rustica, tudo isso deve ter algum valor, e, se eu fosse um bom organisador de *pic-nics*, havia de preparar todos os mezes um para o alto do Corcovado. Parece-me mesmo, e eu ainda lá não fui, que o Corcovado não foi feito para outra cousa... O que éerto é que a Condessa Amelot levou desta festa as

mais agradaveis impressões... e que nós só sentimos não tel-a mais aqui para offerecer-lhe outra; desta vez eu não havia de faltar.

**

Outros divertimentos da estação foram as representações em casa da Viscondessa da Silva. Infelizmente porém a mais animada artista, d'entre as senhoras que tomaram parte n'ellas, está nesse momento em viagem para a Europa. Foi ella que desempenhou o papel de Madame Lebreton na comedia — *L'Eté de la Saint Martin* de Meilhac e Halévy, com muita graça, com um desembaraço inexcedivel, e ás vezes com muita penetração, como quando dizia ao velho Briquerville: « Bah! vous en reviendrez, n'ayez pas peur. C'est le soleil de la Saint-Martin ; ça rechauffe, mais ça ne brûle pas. »

**

Uma bella festa foi tambem a que deu a baroneza de Nogueira da Gama, por occasião do baptizado do seu neto, filho da interessante Sra. Egas Moniz. O mundo official, que tinhamos visto na festa da Gloria, no baile do Sr. Cotegipe, achava-se todo presente, e além desse muitas pessoas que nada tem de official como eu, e senhoras que eu nunca vi em outra parte, o que dava a esse grande baile um caracter de festa de familia muito agradavel. Todos conhecem, com a elegancia, a bondade da baroneza de Nogueira da Gama; é preciso porém vê-la em casa para saber-se até que ponto ella pôde levar uma e outra.

**

A reunião de que tanto se fallou da baroneza de S. Clemente, no palacio Nova-Friburgo, foi realmente esplendida. O luxo excedia a tudo o que se tem visto nesta cidade, e a dona da casa tratou-nos até o dia seguinte (escapamos de almoçar todos com ella,) como se nós lhe fizessemos um enorme favor usando de sua hospitalidade.

A cêa esteve sumptuosa; talvez a parte mais importante de um baile, ao menos para mim, seja a cêa. Cear só, sentar-me á mesa com outros homens tão pouco divertidos como eu, fallar de politica, é realmente uma satisfação mediocre... mas dar o braço a uma rapariga interessante, leval-a até á mesa, sental-a, sentar-me ao lado della, á direita para melhor conversar, encher o calix, que ella vira, de *champagne* gelado, olhar para as paredes pintadas a fresco, e começar a cêa pelo primeiro prato para acabal-a pelo ultimo, provando de todos os vinhos, enquanto o espirito anima-se e a alegria corre como um sangue novo por todo o corpo, é realmente um prazer quasi divino... como a clemencia Sr. ministro do Imperio. A cêa assim comprehendida é a primeira das artes, porque um paladar idealista é que sabe o que ha de sentimento apurado e pensamentos elevados em um prato artistico e em um vinho generoso.

**

Por seu lado o Cassino, onde não se encontra o que comer a uma hora da noite, não deixou de estar animado este anno.

O Theatro Lyrico tambem deu-nos noites agradaveis, não pela musica..., isso não, mas pela gente que lá se encontrava; a Opera lyrica é entre nós um pretexto de reunião, todos se divertem não pelo que ouvem, mas pelo que vêm, e isso mesmo fóra da scena.

As primeiras corridas de Maio estiveram brilhantes, ao menos lá vio-se um cavallo, *rara-aris!* As regatas continuam a ser um prazer para os que se deixam fechar em umas enormes gaiolas de pinho, com que achou-se o meio de afeiar a praia de Botafogo.

Ha ainda a citar, como lembrança do inverno, o grande baile do *Jornal do Commercio*, um concerto da *Cruz* no Cassino, e pequenas recepções familiares.... ah! eu ia me esquecendo de uma estréa da Sra. Biancolini em casa da Sra. Busck Varella, que faz colleção de rostos bonitos para as suas partidas.

**

Como esta chronica é *fluminense*, não pela cidade, mas pelas cariocas, onde elles forem, irei eu, á Friburgo, á Theresopolis, e sobre tudo á Petropolis, não em pessoa, mas representado por essas duas senhoras, que resumem para mim a maior elegancia de maneiras da sociedade fluminense. Isso é quasi dizer-lhes os nomes e compromettel-as... porque elles nem me conhecem.

Girofle-Giroflá.

BIBLIOTHECA DA «EPOCHA»

O FIM DA CREAÇÃO OU A NATUREZA INTERPRETADA PELO SENSO COMMUN. Typographia Perseverança, Rio de Janeiro 1875

Essa obra que forma um grosso volume de 650 paginas é atribuida á um senador, o Sr. Visconde do Rio Grande. Se assim é, não se pôde deixar de applaudir o modo pelo qual elle comprehende os deveres da velhice. O fim do livro parece-nos, pelo menos, curioso; o autor esforçou-se por provat que o nosso globo vive e cresce, como fazem as plantas e os animaes, «colhendo nas regiões do espaço por intermedio de sua atmosphera a materia necessaria á sua nutrição e crescimento.» Essa these pôde ser mais bem desenvolvida pela fantasia do que pela sciencia, mas para sustentar-a o autor fez estudos serios, um pouco, talvez, exclusivamente de gabinete; leu e discutio consigo mesmo as obras mais importantes e nada aceitou sem exame; o seu livro, através do qual sente-se, do principio ao fim, a severidade de um espírito perscrutador, está sobriamente escrito, e se não pôde fundar uma doutrina nova, ao menos, e é bastante, é feito para prender a mocidade ao estudo das sciencias, para despertar n'ella o raciocinio, a attenção e as facultades criticas. O livro não traz o nome do autor.

A. Cadmus.

TRES POEMAS, traducción de P. A. Gomes Junior.—B. L. Garnier.

Editor. 1875

Os tres poemas que o Sr. Gomes Junior traduziu são os seguintes:

— *Rolla* de Musset, *Atta-Troll* e o *Intermezzo* de Heine. O traductor fez mais do que uma traducção, fez quasi uma obra original. n'isso porem nada ganharam os leitores. D'estes uns sabem, outros não sabem o fracez: os primeiros não lerão Musset traduzido, os segundos pela traducção não terão idéa do poeta. O que dizer de Heine, traduzido, não do allemão, mas do fracez? O Sr. Gomes altera a cada passo o pensamento de versos que todos sabem de cor; a sua forma não tem analogia com a do original. O prologo de *Jaques Rolla*, por exemplo, que no fracez tem sempre o mesmo metro, está traduzido em tres diferentes metros, arbitrariamente, mudando o traductor de verso quando lhe apraz. Demais elle não se possui tão perfeitamente do espirito do poema que pudesse emprestar idéas á A. de Musset, como faz, a cada instante. Por ultimo o Sr. Gomes Junior não conhece ainda a metrificação portugueza, não escreve o alexandrino, mas um verso desconhecido e não rima bem. Alvares de Azevedo traduziu fragmentos de *Rolla* de um modo muito feliz, que dispensava um novo ensaio. Todavia os *Tres Poemas*, apesar de todos os defeitos que tivemos que apontar de traducção e de metro, revelam certas faculdades da parte do autor, que folgamos em reconhecer, esperando que elle lhes dê melhor applicação.

Jh. Heck.

JOCELYN, traducción do Sr. J. C. de Menezes e Souza. Rio de Janeiro. Typ. Nacional. 1875.

Todos sabem o modo por que o Sr. Cardoso de Menezes levou á termo a traducção de *Jocelyn*. O pensamento do poeta está vertido, ás vezes em suas nuanças mais apagadas, de um modo fiel; o verso é sonoro e cheio, prejudicando-o sómente ás vezes certa falta de naturalidade, ou alguma cousa que tem de archaico, e a velha metrificação portugueza que precisa de renovar-se um pouco. Pôde-se dizer que a obra é realmente um bello trabalho de perseverança, de paciencia, que nella a linguagem é sempre nobre, e que muitos têm o que aprender no seu abundante vocabulario. N'uma traducção porem só se manifestam qualidades secundarias do espirito; para julgarmos a esphera do talento poetico do autor, é preciso que elle nos dê uma obra sua, em que não o proteja nem embarace-o a sombra de um grande poeta, como Lamartine.

Eurico.

OS LAZARISTAS, drama em 3 actos, do Sr. Ennes.

Esse drama, cuja representação foi prohibida pelo Conservatorio Dramatico, não é propriamente uma obra litteraria; é uma declamação constante, sem novidade de forma nem de fundo, contra os Lazaristas; os personagens nada têm de interessantes; a scena da prática no segundo acto é inteiramente inverosímil e exagerada, quasi brutal; a intriga em torno do leito de morte do velho liberal é uma pobre invenção, tudo parece forçado e excessivo, e a arte é á cada passo substituída pela politica. Evidentemente o drama do Sr. Ennes pôde impressionar os espíritos grosseiros e ser applaudido pelos que levam para o theatro as paixões de partido, porque a peça tem bastante apparato para conseguir amplamente esses fins. Nós

porém que temos as idéas do Sr. Ennes contra a theocracia, entendemos que só precisamos de moderação para vencel-a; se porém fossem necessarios meios violentos na propaganda do theatro, mesmo reconhecendo a utilidade do drama do Sr. Ennes, ainda não podíamos consideral-o uma obra d'arte, porque a imaginação e o estylo não tem n'elle parte alguma. Não chegou porém ainda o momento de transportar para o theatro as paixões da politica; e isso vel-o-hia o proprio Conservatorio se tivesse deixado de representar os *Lazaristas*.

Dufin.

THEATROS E CONCERTOS.

E' melhor antes de fallar dos theatros esperar que a arte dramatica appareça em qualquer d'elles. O Theatro Pedro II, que é Imperial, o que não foi o nosso Theatro Lyrico, talvez por ter sido Provisorio, e que provavelmente terá um dia o direito de içar no mastro a insignia do Cruzeiro, voltou á ser o Circo para que foi feito: « Tu és pó, e em pó te has de tornar; » tu foste Circo, has de tornar a ser Circo! A scena de um theatro imperial deve ser respeitada; a verdade porém é que um conde e um commendador nigromantes não parecem corresponder a idéa que em geral se faz da arte dramatica. O Pedro II está ainda hoje cheio desses festões de flores do carnaval, que dão-lhe um ar de theatro da roça; é preciso tirar todos esses ornatos africanos do imperial theatro de uma capital, como a nossa.

Os outros theatros balançam o publico entre o melodrama e a magica. Apenas o S. Luiz deu-nos uma vez uma peça original do Sr. José de Alencar, chamada—*O Jesuita*, mas ninguém teve tempo de vel-a, e depois... a questão religiosa nos assustava.

Eu estou convencido de que é possível atrair a bôa sociedade aos nossos theatros, uma vez que haja um ensaiador. O que é preciso, é um ensaiador. O ensaiador não faz artistas de genio, mas pode fazer actores correctos, é preciso porém que esse ensaiador de talento faça effectiva a sua dictadura. Parece porém que ha carreiras no paiz para as quaes não ha mais vocação. Ninguem mais quer ser actor, nem, sem paralelo, ser padre, ninguém bem entendido que se possa citar; é por isso que um bom actor teria entre nós tanto horizonte como um padre intelligent.

E' ainda no *Alcazar* e no *Cassino* que se passa a noite. Cada um desses theatros não é porém mais do que um *café-concert*, infelizmente; os espectadores não tiram o chapéu e não apagam o charuto, como se estivessem em um jardim. E' por isso que esses theatros franceses só são accessíveis á certas *senhoras*;

as outras abstêm-se severamente de um prazer, que não lhes é prohibido em Pariz.... na companhia dos maridos. As nossas *estrelas*, como se sabe, não brilham muito; todavia M.^{me} Rose Marie é uma M.^{me} l'Archiduc, mas sempre a mesma M.^{me} l'Archiduc, acima do commun, não como voz que ella não tem, mas como expressão e graça; ainda assim, parece que o theatro já começa a aborrecel-a, tão desigual é ella. No *Cassino*, M.^{me} Bélia tem uma voz melhor e mais cultivada, mas falta-lhe esse *diabolus au corps* da artista de operetta buffa, indispensável ao genero, que dispensa quasi a voz. Em todo caso M.^{me} Rose Marie e M.^{me} Bélia juntas deram-nos uma bôa noite no *Alcazar*. Se fosse possível reunil-as mais vezes, seria menos mau.

O Theatro Italiano de Londres vai abrir a estação de inverno com uma opera do maestro brasileiro Carlos Gomes, *Maria Tudor*. E' a terceira composição desse nosso compatriota que nós não ouvimos. O Theatro lyrico entre nós, não, é subvencionado, e assim o que temos é sempre uma companhia de *ocasião*, e operas que já foram muito melhor executadas aqui em outros tempos.

Em quanto o *Independencia* está se curando da espinha para atravessar o Atlântico, em Buenos-Aires ha uma opera italiana em que o Sr. Lelmi não canta mais, nem o Sr. Spallazzi. . Se ao menos o nosso Conservatorio de Musica desse-nos uma orchestra! mas ha dous alumnos de rabeca, e um e meio de clarineta; o meio é o que vae um dia sim, outro não.

Realisou-se no salão do Cassino Fluminense o concerto da Associação do Santissimo Coração de Jesus, a sala brilhantemente illuminada apresentava um bello espetaculo. Suas Magestades assistiam. Além da comitiva Imperial, notamos, entre as senhoras as baronezas de Nogueira da Gama, de S. Clemente, de Suruhy, de Ivinhema, as senhoras, Nicolau Nogueira da Gama, Diogo Velho, Egas Moniz, Albino Barbosa, Bulhões, Malveiro, Duque Estrada, Magalhães Castro, filhas do Visconde de Tamandaré, M.^{les} Frias, Castro, Nogueira da Gama, C. Torres e Faria, e entre as estrangeiras uma bella americana do norte, Miss Sharp. Havia muitas gravatas brancas, mas a maior parte dos homens estavam vestidos para corridas.

Eis aqui alguns nomes de que nos lembramos: Visconde de Tamandaré, Conselheiros Albino, Homem de Mello, Pereira Franco e Diogo Velho, deputado Duque Estrada, Cantagalli, alguns dos nossos colaboradores, etc., etc. Esqueci-me do lapis em casa.

Swift.